

A Confissão como caminho de libertação

Em que medida Deus nos quer puros, luminosos ou santos? Antes de tudo Ele nos quer inteiros e nos ama como somos. Em seitas pentecostais ou sob o jugo de falsa moral, pessoas vivem terríveis ideais de mortificação. Deus estaria lhes exigindo um comportamento de busca absoluta da "pureza". Tudo o que não for claro, luminoso e radiante em seus espíritos e corações deve ser extirpado e jogado fora. Acontecimentos inesperados da vida, tragédias pessoais e familiares, acidentes etc são vividos, inconscientemente, como castigo e frutos de uma culpa. Essas exigências, nada evangélicas, ao invés de salvar, levam a um caminho de extrema

miséria, mutilações e infinitos sofrimentos, longe do amor do Pai.

Em primeiro lugar, Deus nos quer inteiros. Com nossos lados claros e escuros, com nossos êxitos e fracassos, nossas coragens e medos, nossas ambiguidades e certezas, nossos mal cheiros e perfumes, nossa fé e dúvida. Deus não ama de forma calculista ou anti-séptica. Seu amor é integral, sem condicionantes e nos acolhe tristes e alegres, certos e errados, corajosos e preguiçosos, masculinos e femininos, ambivalentes e polivalentes. Se o filho for reprimido toda vez que apresenta seus problemas ao pai, qual será sua atitude? Omitirá os aspectos criticados. Buscará cada

vez menos o diálogo com o pai. Até numa ilusória tentativa de não perdê-lo, decepcioná-lo ou ser rejeitado.

Essa mesma dinâmica acontece entre amigos e casais. O que não pode ser verbalizado ou discutido é omitido, fica escondido. O silêncio torna-se pendência, um peso a suportar, um pesar, bloqueando trocas e diálogos. A falsa preservação embalsama as relações e gera vidas mumificadas. Afasta de Deus quando nossa salvação é confiar Nele. Outros buscam explicações em vidas passadas, demônios e transformam sua própria pessoa numa vítima do destino absurdo. As coisas não são assim para os cristãos. Nesta quaresma, o que não



Luz Carlos Magalhães



Laura Zagro

conseguimos dizer ao outro, à esposa, aos amigos, a nós mesmos, devemos dizer a Deus. Começando por um ato de revisão e culminando no sacramento da confissão ou da reconciliação, um dos mais belos e preciosos sacramentos da Igreja.

Na Igreja Católica somos convidados a dialogar com nossos lados escuros (Jo 8,1-11). Como Jesus tentado no deserto, sentamos e dialogamos com nosso lado tenebroso (Mt 4,1-11; Mc 1,12-13; Lc 4,1-13). Encaramos de frente nossas fraquezas e as dos irmãos. Somos levados até a acariciá-las. Na confissão, nos apresentamos e nos assumimos inteiros diante de nós mesmos e de Deus (Mt 3,6). Nos aceitamos como somos, mas não nos acomodamos no que somos. Podemos buscar a harmonização de nossas diversas dimensões, inclusive pelas formas mais paradoxais. Diante de Deus, tudo pode ser digerido, transformado e harmonizado em nós. Mesmo os eventos mais traumáticos, pois através deles, Deus também fala conosco e nos chama para as coisas essenciais.

Diante do padre, hesitando, balbuciando ou liberando um jorro de palavras, verbalizamos nossa realidade. Pela confissão "auricular", o católico pode e deve evoluir,

aperfeiçoar-se e santificar-se (Jo 20,23; Mt 16,19). Verbalizar ajuda a desatar nós e tramas arquivadas no inconsciente. O caminho é confuso, mas o primeiro passo é aceitar a si mesmo, os fatos da vida e a vontade de melhorar. A revisão de vida é fundamental. Muitas vezes quando pensávamos avançar, recuávamos. Em outras, quando tudo parecia parado, avançávamos. O arrependimento leva quem confessa, se pertinente, a reparar o dano que causou - dimensão número um do arrependimento, como Zaqueu (Lc 19,8). Também deve levar à superação progressiva das faltas e pecados pelo crescimento interno e pela harmonização de todas nossas dimensões (Lc 7,36-50) sob a ação da Graça.

A confissão tem perdido terreno. Muitos a vêem como um tribunal ou um simples rito para comungar. Seu valor é inestimável. Na confissão, Deus opera miraculosamente em domínios insuspeitáveis de nossa vida. Nos ajuda a superar dificuldades e abismos onde a vida, por vezes, nos lança violentamente. Contra radicalismos e complexos, o ato de confessar leva a cada um o desafio de trazer à luz (elucidar) todo o seu eu. Sem omissões ou negações. Reconhecer-se inteiro diante de um Deus Trindade,

diversidade e unidade. Sacrifícios, mortificações ainda são o caminho do ego, do ser que se crê poderoso. Engano. Não cabe lutar consigo mesmo. Deus não luta com Ele, mas dialoga. A Trindade se reflete como num espelho de diamante. Na viagem interior somos convidados a ir ter, sem medo, com o que há de mais escuro ou reprimido dentro de nós (Lc 15,17).

Certos ou errados, na confiança de seu Amor, buscar o perdão e a prece. Para quem ama, todo tempo é tempo de quaresma e salvação. O perdão dado e santificado pelo padre é possibilidade de ressurreição pascal. Podemos sair de nossas cavernas, abismos e purgatórios pessoais, pois, somos maiores do que tudo que possa haver acontecido. No amor de Deus, o que estava morto volta à vida (Lc 15,32). Esqueletos recobrem-se de nervos e músculos. Novos seres levantam-se e andam (Ez 37,1-10). O Sopro da Vida areja tudo. Faz nascer e renascer.

Evaristo Eduardo de Miranda é
Doutor em Ecologia,
pesquisador da EMBRAPA e
autor dos livros "Água, Sopro e
Luz" e "Agora e na Hora" pela
Loyola.